

# Cultura e humanidades

## Eunice Ribeiro\*

No seu discurso de agradecimento pela recente atribuição do prémio Templeton, em Londres, o antigo Arcebispo sul-africano e Prémio Nobel da Paz Desmond Tutu comentou: «Uma pessoa só pode ser alguém graças aos outros. Fomos criados para estarmos unidos. Os autossuficientes, quem é totalmente autossuficiente é, na verdade, sub-humano»<sup>1</sup>. Diria que, na extrema e sabedora simplicidade das palavras de Tutu, se recolhe a ideia nuclear da chamada *cultura humanística*: a valorização do ‘ser’ humano enquanto ontologia e enquanto experiência gregárias e como tal definidoras de uma identidade apenas inteligível enquanto identidade coletiva.

Na verdade, a expressão *cultura humanística* enferma de alguma redundância, se atendermos a que o próprio termo *cultura*, na diversidade das suas interpretações e aplicações, supõe já, na sua aceção mais básica, uma espécie de antítese humana à ‘natureza’ e à produção natural entendida, cumulativamente, em termos de história e de memória partilhadas. A cultura implicaria assim um sentido de unidade, a construção comum de uma realidade humana que, mais do que se opor à realidade natural, institui pelo contrário uma ‘segunda

---

\* Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho e Professora Catedrática do mesmo Instituto.

natureza' que nos define e nos identifica. Enunciando-se no presente, a cultura não deixa nunca de convocar o passado, o encontro entre sujeitos e gerações, a proximidade de uma origem que pulsa no presente e que, em razão mesmo desse anacronismo, nos permite compreender melhor o nosso próprio tempo e nos confere simultaneamente a capacidade de o transformar. Uma sociedade futura desacompanhada de «uma dimensão cultural e espiritual» e unidimensionalmente assente na exaltação «do homem técnico, o homem-contabilista, o homem-robótico, desprovido de consciência histórica global», citando palavras de Miguel Real<sup>2</sup>, é por isso mesmo uma sociedade que compromete perigosamente a sua própria liberdade. Concebeu-se o nosso tempo como pós-histórico e pós-moderno, aparentemente sem suspeitarmos, como também observa um outro filósofo da nossa contemporaneidade<sup>3</sup>, que assim lhe atribuíamos uma condição póstuma e espectral, i. e., liturgicamente inacessível.

Se aqui chamamos a depor dois filósofos, é porque o pensamento filosófico, a par com a expressão literária e artística, protagonistas dessa cartografia a um tempo epistemológica e académica que se tem apelidado *Humanidades*, proporcionam um acesso privilegiado à compreensão da própria cultura. Como espaços por excelência de criação, de experimentação e de crítica das ideias, como lugares de conceção de formas alternativas de existência contra as matrizes institucionalizadas, a Filosofia, as Literaturas, as Artes detêm um papel central na formação de um sujeito livre e de um cidadão social, moral e intelectualmente responsável. Na linguagem e com a linguagem construímos a nossa realidade: as línguas, como pátrias ou 'mátrias' de cultura e instrumentos indispensáveis para o diálogo intercultural desempenham desde logo, nesta teleologia humanista, uma função fundadora. Não se veja nisto, porém, um acrescentar de razões pseudolegitimadoras do que tem sido um dissenso infeliz: a relação de prolongada competição, escassamente saudável, entre cultura científica/tecnológica e cultura humanística, com as repercussões que se conhecem no sistema educativo.

Numa entrevista publicada neste mesmo mês de junho na revista *Ler*, Adriano Henriques, prestigiado investigador no Instituto de Tecnologia Química e Biológica e especialista em estudos bacterianos, cita escritores que leu (Mann, Proust, Rilke, Nabokov) para concluir sobre uma orientação comum à literatura e à ciência: «(...) o mesmo tipo de busca, de preocupação com o entendimento da vida, de saber coisas que não sabia». Uma *fome*<sup>4</sup>.

Mesmo se essa fome de ‘verdade’, pela qual se tem deixado conduzir a cultura humana, particularmente a dita cultura ocidental, é uma fome suicida, ditada pela biologia do nosso córtex de mamíferos razoavelmente cruéis e obstinados (donde mais uma vez se adivinham interferências entre natureza e cultura), conforme George Steiner, entre tantos outros pensadores da cultura, sumariamente retrata a nossa espécie<sup>5</sup>; mesmo se a cultura humana, como produto do desejo, está inevitavelmente votada ao desastre final, segundo algum profetismo apocalíptico que a visão histórica de um António José Saraiva em parte recupera;<sup>6</sup> mesmo se acreditamos, com Konrad Lorenz e os teóricos da agressividade, que toda a energia criativa e inovadora do homem radica afinal em instintos de defesa e agressão, civilizacional e culturalmente reprimidos e canalizados para o conhecimento e o progresso, material e/ou espiritual – a dignidade que resta à nossa espécie talvez resida em sacrificarmos a nossa própria sobrevivência a esse gesto de catarse criadora, a essa ética do conhecimento e da cultura.

Não hesito pessoalmente em concordar com Miguel Real<sup>7</sup> quando faz preceder a necessidade de um ‘choque tecnológico’ da necessidade de um ‘choque cultural’ capaz de elevar cada cidadão a um patamar de responsabilidade cívica e humanista que permita conformar um *ethos* social com base num projeto partilhado. Se é para todos nós difícil justificar a importância da formação e da investigação em Humanidades quando centros e laboratórios que se dedicam por exemplo à pesquisa oncológica se debatem hoje com graves constrangimentos orçamentais que põem em causa a sua atividade científica e, com ela, a vida de muitos milhões de seres humanos, não é porém menos verdade que as condições de existência do próprio debate axiológico e o consequente reconhecimento de valores éticos é um ganho elementar que apenas a formação humanística torna possível.

Encarada desta perspetiva, a cultura, mais do que configurar um tema ou um domínio de estudos, converte-se numa consciência comunitária e num comportamento, numa prática dialogante, interpelativa e reinterpretativa que nos define interrelacionalmente e nos solicita para o exercício de uma responsabilidade moral e política inerente à condição da ‘pessoa’ como sujeito não autossuficiente.

## Notas

<sup>1</sup> O discurso de Desmond Tutu encontra-se acessível no endereço <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2013/05/22/desmond-tutu-antigo-arcebispo-sul-africano-premiado-em-londres> (consultado em 29 junho de 2013).

<sup>2</sup> Miguel Real, *Nova Teoria do Mal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2012, p. 18.

<sup>3</sup> Cf. Giorgio Agamben, "Da utilidade e dos inconvenientes do viver entre espectros", in *Nudez*, Lisboa, Relógio D'Água, 2010, p.55.

<sup>4</sup> Cf. Adriano Henriques, "Este é o planeta das bactérias". Entrevista de Ana Sousa Dias. *Ler*, n.º 125, junho 2013, pp. 24-31 e 91.

<sup>5</sup> Cf. George Steiner, "Terá a verdade um futuro?", in *Nostalgia do Absoluto*, Lisboa, Relógio D'Água, 2003, pp. 69-81.

<sup>6</sup> Cf. António José Saraiva, *O que é a Cultura*, Lisboa, Gradiva, 2003 (cf. entrevista por Leonor Curado Neves, pp. 41-69).

<sup>7</sup> *Op. cit.*, pp. 20-21.